

SIH HIS

ÒT TÓ

AIR RIA

OD DO

Sabine  
Melchior-  
-Bonnet

SE ES

TRADUÇÃO  
JOSÉ  
ALFARO

EP PE

ORFEU  
NEGRO

OHJ LHO

OBRA PUBLICADA COM O SEGUINTE APOIO  
Centro Nacional do Livro – MINISTÉRIO DA CULTURA FRANCÊS

OUVRAGE PUBLIÉ AVEC LE SOUTIEN SUIVANT  
Centre national du livre – MINISTÈRE FRANÇAIS CHARGÉ DE LA CULTURE

TÍTULO ORIGINAL  
Histoire du Miroir

AUTORA  
Sabine Melchior-Bonnet

PREFÁCIO  
Jean Delumeau

TRADUÇÃO  
José Alfaro

REVISÃO  
Nuno Quintas

CONCEPÇÃO GRÁFICA  
Rui Silva | [www.alfaiataria.org](http://www.alfaiataria.org)

IMPRESSÃO  
Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT  
© 1994 Éditions Imago  
© 2016 Orfeu Negro

1.<sup>a</sup> EDIÇÃO  
Lisboa, Maio 2016

DL xxxxxx/16  
ISBN 978-989-8327-58-1

ORFEU NEGRO  
Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º  
1250-257 Lisboa | Portugal | +351 21 3244170  
[info@orfeunegro.org](mailto:info@orfeunegro.org) | [www.orfeunegro.org](http://www.orfeunegro.org)





## Prefácio

Ao devorar esta obra, o leitor cedo se aperceberá de que se trata de um livro fascinante. Nele, Sabine Melchior-Bonnet alia ciência e arte, literatura e filosofia, história e meditação, com uma mestria e uma qualidade de escrita por vezes impressionantes. Gostávamos de escrever como ela ou, mais precisamente, de no momento certo conseguir encontrar a fórmula fulgurante que ilumine o leitor.

Apresentar um ensaio histórico sobre o espelho é já em si uma ideia notável. Como é que ainda ninguém se tinha lembrado disso? A evolução deste objecto, outrora precioso, hoje banal, marcou o percurso da nossa civilização. Para nos ajudar nesse caminho através do tempo, Sabine Melchior-Bonnet começa por recordar as técnicas primitivas, o uso do metal, o lento aperfeiçoamento do espelho de vidro, as dificuldades da estanhagem, a passagem do vidro soprado ao vidro vazado, o papel fundamental que Murano e, depois, a Companhia de Saint-Gobain tiveram no fabrico dos espelhos.

No século XVI ainda coexistem espelhos de aço e espelhos de vidro. Serão estes que virão depois a triunfar, no século XVII, nomeadamente em Versalhes, onde

os trezentos e seis espelhos dão a ilusão de formar uma peça única; no fim do século, dois terços dos lares parisienses já possuem um espelho. No século XVIII ele constitui até um elemento essencial da decoração, que tende a substituir as tapeçarias; é nessa altura que o *psyché* – um grande espelho de inclinação variável, articulado sobre uma armação assente no chão – começa a sua bela carreira. O século XIX assistirá ao triunfo do roupeiro com espelho. E nos nossos dias vemos espelhos por toda a parte sem lhes prestarmos a mínima atenção.

Depois de nos ter dado todas estas informações técnicas e cronologicamente precisas, firmadas em bases seguras, Sabine Melchior-Bonnet continua o seu livro mudando de registo, embora sem abandonar o campo histórico: interroga-se sobre as relações conflituais do ser humano com o espelho e sobre os múltiplos laços, filosóficos, psicológicos e morais que ao longo das épocas se teceram entre, de um lado, o espelho e, do outro, o bem e o mal, Deus e o Diabo, o homem e a mulher, eu e o meu reflexo, o auto-retrato e as confissões. Com clareza, aponta-nos depois para outras tantas pistas que nos ajudam a atravessar estas paisagens sedutoras, mas onde nos poderíamos perder.

Creio poder resumir o seu propósito, sempre muito rico, usando as duas categorias do positivo e do negativo – aproveitando o facto de o espelho, pela sua própria essência, ser ambivalente. A quem souber olhá-lo, ele

pode oferecer a imagem imaculada da divindade. Muitos pintores representaram Maria e o Menino Jesus com um espelho na mão. Na Idade Média dizia-se que Deus é o espelho perfeito porque só ele «é em si próprio espelho reluzente». Por outro lado, Platão tinha afirmado que a alma é o reflexo do divino. De um modo mais trágico, Santo Agostinho viera depois precisar que o homem que se olha ao espelho da Bíblia vê o esplendor de Deus bem como a sua própria miséria. Também para Dürer – ao representar-se como Cristo *vir dolorum* – o homem é o auto-retrato de Deus, e o rosto divino autentifica o do homem. Num outro plano, o *Speculum* medieval, como o de Vincent de Beauvais, pretendia ser uma enciclopédia do saber. Por fim, os inúmeros «espelhos» da literatura medieval, em particular os «espelhos dos príncipes», constituíram um género moralizador no qual os leitores eram convidados a ir procurar o modelo ideal que lhes era proposto para a sua conduta.

Mas, em contrapartida, é preciso desconfiar do logro especular. Narciso deixa-se cativar pelo seu reflexo. O espelho pode representar uma armadilha, contribuir para desenvolver – como nos séculos XVII e XVIII – uma arte das aparências, transformar-se em «cortesão atencioso», «rival dos amantes» e «conselheiro das coquetes». Torna-se assim um objecto indispensável numa «sociedade de reflexos» onde «o eu, para existir, tem necessidade de ser reforçado por ecos». O que é então

o espelho senão um símio? Por isso os moralistas se enfurecem com ele: consideram que atrai os «loucos olhares», inflama a luxúria, esconde – ou revela –, conforme os casos, o demónio e a morte. Para eles, « vaidades », esqueleto e espelho estão relacionados. Suplemento de perigo, o espelho é astuto: « Na duplicação insinua-se uma dissemelhança » – a mão direita no espelho é a esquerda daquele que se olha. Por outro lado, a técnica pode explorar os seus poderes mistificadores, produzir deformações calculadas, induzir um delírio, se não mesmo uma desagregação do ser.

Para a mulher, mais em particular, o espelho é ambíguo. É verdade que ela « desperta para a vida quando acede à sua imagem » e que o espelho permanecerá sempre o « lugar privilegiado e vulnerável da feminilidade ». Mas Cervantes adverte: « A mulher é um espelho de cristal brilhante que o mínimo bafo obscurece e embacia. » E Simone Weil constata: « Vendo-se ao espelho, uma mulher bonita pode acreditar que ela é apenas aquilo. Mas uma mulher feia sabe que ela é mais do que aquilo. »

Estes excertos, retirados do brilhante ensaio de Sabine Melchior-Bonnet, constituem apenas uma breve amostra. Era o livro na sua totalidade que seria preciso citar – e que portanto é preciso ler. Porque ele é o testemunho de uma vastíssima cultura e revela uma verdadeira escritora, que soube tratar com talento um extraordinário tema.

*Jean Delumeau*



## Introdução

Pequenos, raros, caros, preciosos: assim são os espelhos ao longo de vários séculos, antes de a manufactura de Saint-Gobain aperfeiçoar um processo de fabrico capaz de aumentar a produção e de alargar a sua clientela. Em finais do século XVIII, Saint-Simon regista com alguma ironia o exorbitante preço pago por um espelho pela condessa de Fiesque: «Tinha, disse ela, uma terra má, que só dava trigo; vendi-a e fiquei com este belo espelho. Não é uma maravilha? Ou o trigo ou este espelho!»<sup>1</sup> E Tallemant des Réaux partilha com os seus leitores o desabafo de um tal M. D'Orgeval: «O nosso espelho grande está partido. Lá se foram quinhentos escudos ao ar!»<sup>2</sup>

Ardentemente cobiçados, não ultrapassando o tamanho de um prato, os espelhos são durante muito tempo o símbolo do luxo aristocrático, o instrumento das aparências. Servindo de traço de união entre natura e cultura, educam o olho e dão apoio às lições de boas maneiras. Do ver-se ao espelho decorrem não só o gosto pelo adorno e a atenção aos sinais da representação e da hierarquia social, como também uma nova geografia do corpo, que revela imagens desconhecidas – de costas, de perfil

— | | —

— e estimula o sentimento de pudor e de autoconsciência. Durante a Revolução Francesa, uma grande dama, quando a vêm deter a casa, não pensa em levar consigo para a prisão senão dois objectos: «Instintivamente, peguei num pequeno espelho com uma moldura de cartão e num par de sapatos novos.»<sup>3</sup> Na indigência do cárcere, a sua imagem é o único bem que ela possui, e esta derradeira coqueteria representa também o ser senhora de si própria.

São os inventários *post mortem* e os documentos iconográficos que permitem datar o aparecimento do espelho «cristalino» puro e plano e seguir os progressos da sua difusão. O processo de banalização deste objecto, hoje tão integrado na nossa vida quotidiana, será lento, não só porque enfrenta obstáculos técnicos e económicos, mas também reservas psicológicas e morais. Para o homem dos nossos dias, tão habituado a encontrar a cada passo a sua imagem em espelhos, fotografias e vídeos, é difícil avaliar o extraordinário impacto que a possibilidade de se ver dos pés à cabeça teve nas sensibilidades, e a revolução que a invenção dos tremós de espelhos desencadeou na percepção do espaço. Como seria viver com um rosto ou habitar um corpo que, sem o auxílio do espelho, se conhecia sobretudo através do olhar dos outros? Conseguiremos imaginar o espanto daquele que pela primeira vez depara com a sua imagem? De que modo foi sentida essa perturbação dos equilíbrios, dos vazios e

dos cheios, do estar fora e estar dentro, causada pelo jogo dos espelhos?

Sabemos quão difícil é para a investigação histórica aproximar-se das emoções, das percepções, dos matizes da sensibilidade e dos sentimentos do passado, em suma, de tudo o que tem que ver com essa «balança dos sentidos» de que fala Alain Corbin<sup>4</sup> e cujos traços fugidios se revelam apenas casualmente. A sua identificação e a sua interpretação têm de ser vistas na perspectiva de um sistema de percepção e de representação que muda consoante as épocas. Uma primeira dificuldade advém de o conjunto dos dados «objectivos» – contas reais, inventários *post mortem*, tratados de civilidade, correspondência, memórias – privilegiar a sociedade cortesã e a vida urbana, em detrimento da rural. A segunda dificuldade resulta da polissemia da palavra: o campo semântico do espelho cobre pólos extremos, do mito à escrita do eu, do símbolo à literalidade, e as linguagens por vezes confundem-se; o espelho pertence em primeiro lugar ao domínio do vocabulário místico e dá lugar a um discurso moral – duradouro – que baliza os direitos do olhar sobre si e desenvolve a dialéctica da essência e da aparência; em contrapartida, só aparece tarde e de forma dispersa nos testemunhos autobiográficos como componente da identidade.

Uma terceira dificuldade decorre de o estudo histórico precisar da observação literária: com efeito, algumas

perturbações do reconhecimento devem a sua primeira descrição à intuição do escritor. A nossa pesquisa alargou-se por isso às narrativas de ficção sempre que convergem com a observação médica, mesmo sabendo-se o quanto este tipo de documentos deve à sensibilidade pessoal de um autor ou à retórica de uma época, e como é grande a distância entre as metamorfoses simbólicas de uma palavra e a realidade de uma prática; perante a abundância destes textos, foi forçoso escolher os mais significativos. Por fim, o espelho partilha algumas das problemáticas da pintura sobre o valor da imagem, a semelhança e o simulacro, todas elas associadas ao tema do olhar sobre si; as referências iconográficas são por isso imprescindíveis em qualquer estudo sobre o espelho.

A importância do reflexo especular para a organização da personalidade foi sublinhada há cerca de um século por grandes psicólogos como Wallon, Schilder ou Lhermitte. Reconheceram que a construção do sujeito era progressiva e que implicava a consciência de uma diferenciação relativamente ao mundo exterior e aos outros; o sujeito, capaz de se objectivar e de coordenar as suas percepções exteriores com as suas sensações interiores, pode então passar da consciência do corpo à consciência de si mesmo. Esta noção de «esquema corporal», representação que cada um cria do próprio corpo no espaço e que se completa pelo reconhecimento ao espelho, foi por sua vez reorganizada pela psicanálise, que prefere a ideia

de «estrutura libidinal» da imagem do corpo, segundo a qual é o desejo que dá forma aos dados dispersos dos sentidos. Ela dá depois lugar ao famoso «estádio do espelho como formador da função do eu» que Lacan descreve em 1949<sup>5</sup>, integrando-se no desenvolvimento da actividade simbólica: a criança diante do espelho, passando de uma imagem fragmentada do seu corpo à da sua unidade, tira prazer do espectáculo dela própria e, ao mesmo tempo que compreende a diferença entre a imagem e o modelo, adquire perante o seu reflexo uma nova função de projecção. A imagem especular, alargamento do espaço mental, não é uma unidade dada mas uma unidade que se constrói e que exige um esforço para se manter; nunca está definitivamente adquirida – se o espelho é o auxiliar da identificação e da auto-representação, pode também tornar-se o revelador de perturbações psíquicas profundas.

O espelho, «matriz do simbólico», acompanha a procura da identidade. Para compreendermos o que tem de mágico, de miraculoso, o primeiro frente-a-frente com o espelho, é preciso recorrer à narrativa imagética do mito ou do folclore: Narciso é o primeiro herói desse perturbador encontro consigo próprio. Um conto coreano do século XVIII restitui-nos em toda a sua frescura as etapas desse argumento: o conto<sup>6</sup> fala-nos de um pobre mercador de potes, Pak, cuja mulher tem um único sonho, possuir um espelho de bronze. Quando ela finalmente recebe o objecto tão desejado, descobre com estupefacção que

na imagem está uma figura desconhecida: «Pak parecia ter voltado sozinho, mas ela vê uma mulherzinha, de pé, junto a ele. Aikumonina? Quem é essa vadia? Era a primeira vez que a senhora Pak se via a si própria, e não compreendia que aquela mulher, ao lado do seu marido, era ela.» E o conto reforça a nota: Pak agarra no espelho e descobre lá um homem que toma pelo amante da mulher. Há discussões, gritos, insultos. Pegam no pomo da discórdia e vão ter com o prefeito para que resolva o conflito. É então a vez de também este vislumbrar no objecto mágico um funcionário vestido com um uniforme. Será o seu sucessor que acaba de chegar? Quer dizer que ele foi destituído...

Embora forçada, a história não é por isso menos significativa, e tem aliás afinidades com outras narrativas, nomeadamente com uma fábula filosófica francesa do século XVIII<sup>7</sup>. Ver-se ao espelho, identificar-se, exige uma operação mental pela qual o sujeito é capaz de se objectivar, de separar o que é exterior do que é interior, operação que pode levar a bom termo se reconheceu o outro como seu semelhante, conseguindo pensar: eu sou o outro do outro. A relação com o próprio eu e o conhecimento de si não podem estabelecer-se directamente, estão dependentes da reciprocidade de ver e de ser visto. A especificidade do comportamento humano perante o espelho – a inscrição simbólica do sujeito – foi registada e evidenciada ao longo de várias experiências em que se estudaram, em

particular, as reacções dos animais quando confrontados com um espelho<sup>8</sup>; apenas os chimpanzés são capazes de se identificar, mas não parece que esse reconhecimento desenvolva um qualquer processo psíquico de estruturação.

Há muitas maneiras de nos vermos ao espelho: com receio, pudor, alegria, complacência, desafio. Podemos procurar semelhanças ou diferenças, afinidades ou estranheza. Construimos nele a nossa imagem, mas também é nele que assistimos à sua destruição. O homem do século XVIII, habituado a salas repletas de espelhos, não se olha da mesma maneira que o do século XII, para quem o reflexo está associado ao Diabo. De uma forma mais profunda, a representação de si depende de uma determinada ideia de ser humano, simultaneamente ser e parecer, que se elabora ao mesmo tempo que evoluem as relações entre a alma e o corpo e que o indivíduo se define em função dos seus laços com Deus, com os outros e consigo próprio. Enquanto o corpo estiver excluído de uma definição da subjectividade, o espelho não remete senão para uma aparência, sujeita às manipulações e às mentiras. Mas é também essa aparência, pela sua continuidade, que garante ao homem que ele está de facto ali, que é o mesmo da véspera, como Rodolphe, o herói de Théophile Gautier (*Les Jeunes-France*), que de manhã se vinha certificar ao espelho de que «não lhe tinham crescido cornos durante o sono». Um gesto que está longe de

ser frívolo: o espelho confirma a unidade do sujeito contra as ameaças de mutilação e desmembramento.

O estádio do espelho segundo Lacan, de acordo com o qual o indivíduo se descobre «dentro» e «fora» através do olhar de um terceiro, é realizado ao longo de séculos de história. As noções de sujeito e de identidade começam por se constituir no interior dos campos religioso e social: é aí que vamos encontrar as primeiras práticas do espelho e do desdobramento reflexivo, os auto-retratos e as autobiografias. Com esse pano de fundo, aquele que se olha esforça-se por encontrar a semelhança que une o homem ao seu criador e a solidariedade que o liga ao seu semelhante. A sua singularidade, a sua diversidade importam menos do que a sua universalidade. Mas acontece-lhe também deixar as tranquilizadoras fronteiras dos modelos conhecidos e descobrir uma representação estranha de si, inquietante, na qual percebe a marca de um ser radicalmente outro, e onde a consciência que tem de si próprio se perturba e se aliena; o espelho sublinha então a estrutura obscura, quiasmática e anamórfica de qualquer auto-retrato.

Porque é assim a ambiguidade e a fecundidade do reflexo: ao mesmo tempo idêntico e diferente do seu modelo. As duas faces do espelho, que as necessidades da análise opõem, fundem-se na realidade numa mistura complexa: o homem é sempre, em simultâneo, o mesmo e o outro, semelhante e diferente – um ser de inúmeros



rostos. É sobre estes temas recorrentes que se jogam as problemáticas do espelho como instrumento de autoco-  
nhecimento, problemática que os séculos transformam  
mas que a banalização do objecto não esgota. Ainda que  
se tenha tornado o objecto mais vulgar do nosso tempo,  
o espelho conserva o seu poder mágico, mistificador  
ou criador: «Que segredo procuras tu no teu espelho  
rachado?», pergunta a si próprio o herói de Georges  
Perec, com um olhar melancólico, fixo no espelho<sup>9</sup>.